

GADOTTI, Moacir. “Prefácio”. In: SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. *Discurso pedagógico: mito e ideologia*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

## Prefácio

Meu primeiro contato com o trabalho de Maria Cecília Sanchez Teixeira foi através da leitura do artigo que ela escreveu no livro *Escola Brasileira* (Atlas, 1987), organizado por Roseli Fiscmann. Nesse artigo ela analisa os pressupostos das teorias pedagógicas e apresenta alternativas organizacionais para a escola. Superando uma visão dualista que não consegue enxergar além de dois enfoques antagônicos – o liberal funcionalista e o marxista burocrático – ela mostrou certas invariâncias entre esses dois enfoques e a emergência de um novo paradigma, síntese superadora de ambos.

Na época tive dificuldades em aceitar essa análise, pois parecia que não fazia inteiramente justiça a Marx. Relendo hoje aquele texto, percebo que ela, com rigor metodológico, recoloca o papel do sujeito na história, não suficientemente afirmado no materialismo histórico de Marx. Os paradigmas clássicos continuam consistentes e válidos dentro de seus contextos, coerentes com seus princípios, mas devem ser revisitados de forma crítica para que possam oferecer ainda alguma contribuição para a educação do futuro. O futuro não se constrói através do aniquilamento do passado mas com sua superação dialética.

De lá pra cá, Maria Cecília publicou sua tese de doutorado (*Imago*, 1990), fez sua *Livredocência* (1994) e continuou aprofundando o tema, colocando em relevo o papel do imaginário e do cotidiano na educação e dando consistência teórica ao paradigma transdisciplinar que vem se firmando na prática educacional brasileira.

Relembro essa história porque tem tudo a ver com esse novo livro dela, na medida em que faz uma leitura crítica de Anísio Teixeira e Paulo Freire. Aqui ela vai mostrar que ambos partilham do mesmo sonho (invariância), mas que eles propõem caminhos diferentes. Anísio Teixeira influenciou Paulo Freire, que reafirmava com frequência sua admiração pelo “Mestre Anísio”, mas, como Maria Cecília mostra, o discurso freiriano é mais marcado por uma ótima revolucionária.

O leitor descobrirá aqui as semelhanças e diferenças entre eles, mas num texto didaticamente apresentado pela autora. Como prefaciador, quero reconhecer os méritos e a originalidade deste novo trabalho de Maria Cecília e estimular o leitor para que percorra esse livro com a mesma abertura epistemológica e política da autora. É impossível abrir mão de um ponto de vista na leitura de qualquer livro, mas é importante que o ponto de vista seja também visto como a vista de um ponto entre outros pontos, como costuma dizer Leonardo Boff.

Não há dúvida de que Maria Cecília consegue ir ao âmago do pensamento pedagógico desses dois autores: o que os move é a utopia, o sonho, a necessidade de mudança, tantas vezes afirmada por eles. Paulo dedicou toda a sua vida ao sonho inacabado de encontrar uma teoria que desse conta de uma “educação como prática da liberdade”. Não é surpreendente que no seu último livro: *Pedagogia da autonomia* (Paz e Terra, 1997), ele tenha ainda reafirmado seus primeiros compromissos e justificado por que os assumia, quando escreve: “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (p. 15)... “Meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos” (p. 16).

Anísio Teixeira, por um caminho liberal e pragmático, mais influenciado por uma prática que exigia respostas imediatas às urgências da administração pública, fundamentava as bases de uma filosofia educacional de mudança. Dizia-se mais apegado à busca do verdadeiro do que às ideias que considerava “vestimentas provisórias da verdade”, no testemunho do seu amigo Darcy Ribeiro.

Que legado esses dois educadores nos deixaram? Que legado pode nos deixar um educador? Mais do que tudo, um educador deve, como tal, deixar um legado de esperança, uma crença na possibilidade de mudar o rumo das coisas. E isso eles souberam fazer muito bem. Eles souberam despertar nos educadores a crença de que é possível mudar, de que é urgente e necessário mudar. Mexendo profundamente com o “imaginário” - “matriz dos sistemas filosóficos, lógicos e conceituais” - dos educadores, foram ambos - a seu modo e com peso diferente - democratas e transformadores. Deixaram suas marcas no ethos da educação brasileira e permanecerão uma referência importante e necessária para os educadores do futuro.

*Moacir Gadotti*

*Professor da Universidade de São Paulo*

*Diretor do Instituto Paulo Freire*